

**NITA KALA.GA
LUGAL URI: A
memória de
Gilgamesh como
mecanismo para a
construção da ideia
de rei-deus no período
de Ur-III (c. 2112 BC –
c. 2004 a. E. C)**

**Ana Clara Reis de
Guimarães***

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.
v12i1347-380

Resumo: No presente artigo, as referências à Primeira Dinastia de Uruk, nos textos literários escritos durante o reinado de Shulgi de Ur III (2.094 – 2.047 a.E. C.), são consideradas como conceito de memória cultural. Por meio dessa análise, a tradição acerca destes reis míticos influenciou o processo de transformação de Shulgi em deus, sendo esse processo entendido como estratégia política frente à crise suscitada pela morte precoce de seu antecessor. Dessa forma, o artigo visa discorrer sobre a recuperação da memória de um passado sumério idealizado como ferramenta para a construção de uma figura carismática num contexto de busca por legitimação do poder territorial.

Palavras-chave: memória coletiva; Suméria; memória cultural; escribas; realeza divina

* Graduação em História/Membro do Laboratório do Antigo Oriente Próximo (LAOP-USP)/Contato: anaclarareis@usp.br

Gostaria de agradecer imensamente ao prof. Marcelo Rede, orientador da iniciação científica que deu origem a esse artigo, pelo auxílio na pesquisa e aos membros do LAOP pelo acolhimento.

Introdução

O território entre os rios Tigres e Eufrates abriga um número de sociedades com culturas semelhantes, que, em determinados períodos da sua História viu a unificação de governos e, em outros, maior autonomia de suas organizações locais. Nesse sentido, Barjamovic chega mesmo a entender o movimento da História mesopotâmica como um pêndulo, alternando entre a fragmentação política e a administração central (BARJAMOVIC, 2011, p. 123). A alternância entre esses dois poderes, todavia, não acontece sem oposição, de maneira que o ator que deseja se estabelecer deve também construir uma determinada justificação para além da força militar. No caso de um governo centralizante, os impérios mesopotâmicos muitas vezes apoiaram-se na existência de uma cultura compartilhada entre todo o território como uma maneira de contrapor a tradição política de cidades-estados autônomas.

Foi essa a estratégia da Terceira Dinastia de Ur (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C), que buscou reunificar o território mesopotâmico um século após a queda do Império de Akkad (c. 2334 – 2154 BC). Nesse contexto, se a centralização da Mesopotâmia já havia sido atingida pelos reis sargônicos¹, a queda desse império deu lugar a uma nova fragmentação política. Ainda se adaptando ao novo contexto, as cidades sumérias, agora vulneráveis devido à ausência de um exército centralizado, tornaram-se alvos de ataques de povos vizinhos. Logo, a unificação ocorrida sob a égide da Terceira Dinastia de Ur também surgiu como corolário de uma resistência militar às invasões de um povo alheio à sociedade mesopotâmica, conhecido pela historiografia como gútios, mas do qual se sabe muito pouco. Esse foi, todavia, um problema central para a recém-fundada dinastia de Ur, que estabeleceu como tradição incursões militares

¹ O império de Akkad foi fundado por Sargão I (c. 2334–2279 a. E. C.), que posteriormente se tornou uma figura central no imaginário da monarquia mesopotâmica, de maneira que sua dinastia é muitas vezes referida dessa forma.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

às fronteiras como maneira de assegurar seus limites, além de ser creditada à construção de uma muralha ao norte (LIVERANI, 2016, p. 234)

Outras inovações executadas por essa dinastia tem relação com as necessidades impostas por uma centralização da administração. Assim, tais inovações abarcam a uniformização da cobrança de impostos, pesos e medidas bem como o crescimento e especialização de uma classe de burocratas pensada para executá-las. Como a administração burocrática é, no caso mesopotâmico, um dos papéis centrais da escrita, o período de Ur III viu maior desenvolvimento da classe escribal a partir da centralização da educação (KRAUS, 2020, p. 184)

Apesar de sua hegemonia militar e seu sucesso em fortalecer as fronteiras do império, o novo governo central teve de lidar com uma tradição que enfatizava o poder das elites locais, apesar das experiências imperiais acadianas. Cabe lembrar que o império de Akkad foi fundado por uma dinastia acadiana, que suprimiu tradições locais sumérias. Logo, até a fundação da dinastia por Ur-Namma, não se conhecia uma experiência de centralização a partir do sul. Soma-se a isso a imagem recente da queda do império sargônico que ecoava ainda na memória de uma sociedade altamente historicizada. Ao contrário de seus antecessores acadianos, no entanto, o fundador da Terceira Dinastia de Ur, Ur-Namma (que governou entre 2.112 a.C. - 2.095 a. E.C.), era originário do sul (WOODS, 2012, p. 84)

Outrossim, observa-se no contexto mesopotâmico, a preservação da memória do passado por parte da realeza como uma forma de preservar o controle social, uma vez que o rei se apresenta como intermediário entre o passado e o presente, bem

como entre os deuses e a humanidade (MATTHIAE, 2016, p. 14). Assim, a referência ao passado já era uma estratégia de legitimação bastante estabelecida na metade do Terceiro Milênio a. E.C. Consequentemente, a estratégia ideológica dos reis de Ur baseia-se no enfoque a uma cultura compartilhada suméria, passando tanto por uma revalorização do idioma local quanto por uma reinterpretação da memória de antigos líderes político-militares da região.

Observa-se, nesse processo, a formação de uma classe escribal especializada, que, agora tinha os meios necessários para produzir essa ideologia política que desse conta do novo contexto. Concomitantemente, a dominação de territórios previamente independentes que possuíam suas próprias tradições político-culturais suscitou problemas políticos aos quais a classe escribal procurou responder por meio da nova literatura em sumério.

No entanto, a execução desse projeto foi interrompida pela morte súbita do fundador da dinastia. As condições do falecimento de Ur-Namma ainda são pouco conhecidas pela historiografia, mas existem indicativos suficientes para acreditar que seu falecimento se deu em guerra, ou em decorrência de feridas adquiridas em batalha (FLÜKIGER-HAWKER, 1999, p. 18). Sabe-se, porém, que a cosmovisão suméria atribui ao falecimento em conflito um entendimento negativo, que traduz o descontentamento dos deuses para com o monarca. Parece ter sido essa a interpretação atribuída ao falecimento de Ur-Namma, de maneira que a resposta a essa situação traumática se deu por meio de uma série de reformas religiosas executadas por seu sucessor, que parecem ter como objetivo aproximar o novo monarca do âmbito religioso. Assim, Shulgi foi famosamente creditado como restaurador e construtor de templos, chegando a eleger como evento principal de vários anos a construção ou restauração de templos em sua Lista de Anos.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

Por meio dessas reformas religiosas, a construção da imagem de Shulgi deu continuidade a tendências que já estavam sendo desenvolvidas durante o reinado de Ur-namma. No entanto, o trauma decorrente da morte de seu antecessor fez com que certas estratégias memoriais fossem reorganizadas. Além disso, a mudança na conjuntura política também fez com que a recriação memorial dos reis do Ciclo de Uruk tomasse outro rumo. Assim, se a narrativa acerca de Gilgamesh produzida durante o governo de Ur-Namma enfatizava o *topos* de *hommus novus* desse personagem, os textos compostos sob Shulgi ressaltam suas relações de parentesco com deuses menores.

Nesse contexto, chama atenção que uma dinastia de Ur nutra tamanha ligação com personagens associados a outra cidade. Como será discutido, determinadas características desses personagens são incorporadas pelos reis de Ur na construção de um projeto político-religioso. Todavia, é necessário uma ligação entre a realeza dessas duas cidades. Essa se dá por meio do parentesco entre Ur-Namma e Utu-Hegal, rei de Uruk (WOODS, *op. cit.*, p 79), que explicaria a conexão entre os reis de Ur III e a Primeira Dinastia de Uruk. Aliás, o próprio Utu-hegal cita, em uma inscrição, Gilgamesh e Dummuzi como seus protetores (FRAYNE, 1993, p. 59), o que pode ser um indicativo de que os reis de Ur III apenas reformularam uma tendência em curso.

É importante aqui contextualizar algumas das fontes utilizadas no trabalho, especialmente o ciclo Uruk, isto é, as narrativas acerca de personagens da Primeira Dinastia de Uruk. Esse se inicia com as incursões de Enmerkar, fundador da dinastia, à cidade fictícia de Aratta. Nesse mesmo contexto se encontram duas histórias que

tratam de seu sucessor, Lugalbanda. Tais narrativas formam o que Vanstiphout chamou de “ciclo de Aratta”. As traduções de Vanstiphout são baseadas em tabletas encontrados em uma e.dub.ba, uma academia de formação de escribas paleo-babilônica da cidade de Nippur. No entanto, referências a esses textos encontradas em narrativas escritas à época da Terceira Dinastia de Ur demonstram que essas histórias eram conhecidas então (VANSTIPHOUT, 2003, p. 12).

Além das histórias acerca de Enmerkar e Lugalbanda, também são importantes para o presente artigo poemas sumérios de Gilgamesh como parte do ciclo de Uruk. Apesar das ideias de Gadotti (2014, p. 235), que considera possível que esses poemas fossem então parte de uma epopeia protagonizada pelo personagem, não há indicativo de que eles formassem uma história contínua. Trata-se, dessa forma, de narrativas esparsas. Essas foram compiladas e traduzidas por George (2003), junto de uma epopeia escrita em acadiano, que também tem Gilgamesh como personagem principal, conhecida como “Ele que viu o abismo”.² Finalmente, além do ciclo de Uruk, esse artigo trata também de hinos reais e poemas produzidos entre os governos de Ur-Namma e Shulgi. Ocasionalmente, personagens do ciclo de Uruk aparecem nesses textos. Tais textos também consideram uma linha genealógica da Primeira Dinastia de Uruk, segundo a qual Gilgamesh seria filho de Lugalbanda com a deusa Ninsun.

Outra fonte importante é a chamada Lista Suméria de Reis. Trata-se de um manuscrito que detalha os nomes e as genealogias daqueles que ocuparam os centros de poder desde o momento em que, segundo a própria lista, o poder desceu dos céus. Dadas as possibilidades da historiografia hoje, é impossível checar sua

² Recentemente, essa epopeia foi traduzida para o português por Brandão (2016). Ainda que alguns elementos dos poemas sumérios de Gilgamesh estejam presentes, trata-se de uma versão escrita posteriormente ao período estudado por mim, que contém cortes e adições em relação às versões de Ur III. Portanto, a versão traduzida por Brandão encontra-se além do escopo do artigo.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC - c. 2004 a. E. C)

veracidade, no entanto, o conjunto da literatura suméria parece fornecer evidências de que os sumérios a tomavam como verdade. Há indícios da existência da lista no período sargônico, mas o manuscrito mais antigo que se tem acesso data do reinado de Shulgi, ainda que nele a seção correspondente à Uruk I esteja ilegível (STEINKELLER, 2003, p. 275). Tal lista foi muitas vezes modificada, de acordo com as necessidades ideológicas de cada período, mas, partindo de outras versões dela e das narrativas do ciclo de Uruk, pode-se considerar que, no período de Ur III, a primeira Dinastia de Uruk seguia a seguinte ordem: Enmerkar ascendeu ao trono e foi sucedido por Lugalbanda, que deu lugar a Dummuzi, seguido por Gilgamesh e assim por diante (GLASSNER, 2004 p. 103).

Seguindo as bases já estabelecidas durante a vida de Ur-Namma, a narrativa construída a partir da ascensão busca mobilizar uma série de pontos de referência culturais mesopotâmicos, mas particularmente sumérios, a fim de modelá-los para construir uma identidade comum ao império. Dessa forma, ela se apropria de lugares de memória compartilhados, mas remodela-os para que se encaixem na nova narrativa, que não mais diz respeito a identidades locais, mas sim a uma identidade imperial. Esses lugares de memória que ultrapassam as fronteiras locais das antigas cidades-estados correspondem, por exemplo, a mitos sobre deuses. Por meio da reelaboração dessas narrativas, o Estado de Ur III não somente constrói uma identidade supra-local, como também, no caso de Shulgi, cria as bases para sua divinização. Isso porque um dos principais vetores da reforma religiosa que culmina na transformação desse monarca em deus está relacionado à criação de uma relação de parentesco com determinadas divindades, que é feita a partir de uma reflexão da

relação entre Gilgamesh e Lugalbanda e esses deuses.

Logo, a resposta a uma conjuntura de crise religiosa e, por conseguinte, de legitimação tomou a forma de um discurso que aproximava o soberano das instituições templárias – como benfeitor e construtor de templos – e também das próprias divindades. Tal imagem do rei como construtor já é largamente atestada em momentos anteriores da tradição mesopotâmica. O uso dessa ideia, assim como a mobilização da memória dos reis de Uruk, representam uma tendência a um conservadorismo. Destarte, num momento em que sua legitimidade era posta em risco, o aparato intelectual de Shulgi procurou construir uma imagem enraizada na tradição. As inovações do conceito de monarquia que aparecem mais tarde, como a divinização desse rei, ocorrem como corolários desse movimento conservador de fortalecimento da importância cútica do monarca.

Vê-se que o papel do soberano enquanto um canal de comunicação entre as divindades e a população já estava consolidado na cosmovisão mesopotâmica antes da fundação de Ur III. A partir das reformas de Shulgi, entretanto, essa relação dá um passo além. Por meio de seu relacionamento sexual com a deusa Inanna de Uruk, o rei Lugalbanda passa a ocupar o papel do cônjuge divino da deusa. Isso possibilita que, enquanto parte da família divina, Shulgi torne-se ele mesmo um deus. Ainda que a divinização de um soberano não fosse um evento inédito na História Mesopotâmica – o primeiro a fazê-lo foi Naram-Sîn, da dinastia sargônica – a lógica da divinização de Shulgi apresenta inovações notáveis, mesmo que seja bastante influenciada pelo precedente acadiano.

A principal alteração feita pela intelectualidade terceiro-dinástica ao conceito de divinização de um monarca diz respeito à recuperação da memória dos reis míticos

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

de Uruk. Destarte, a reelaboração desses personagens desempenha papel central na construção da imagem de Shulgi, haja visto que a elaboração de uma relação de parentesco entre a deusa Ninsun e o monarca é uma maneira alternativa de situar esse soberano dentro do panteão. Assim, a hierogamia relativa a Inanna e a mobilização da memória da Primeira Dinastia de Uruk se complementam, tornando coeso uma estrutura de relacionamentos que sustenta a lógica da divinização de Shulgi.

Por outro lado, ao se ligar a personagens consolidados e difundidos no imaginário mesopotâmico, os reis de Ur III apelam a uma memória compartilhada de maneira supra-local, mobilizando portanto uma identidade comum. Por meio do apelo a um passado idealizado e à religião compartilhada, cria-se uma ideia de comunidade que gira em torno da figura do soberano. Conseqüentemente, as fundações identitárias e culturais mesopotâmicas estabelecem uma base ideológica para a existência de um poder central.

Aqui cabe ressaltar que a divinização desses reis não é um fim em si, mas uma consequência dos esforços religiosos e culturais de legitimação dessa dinastia. Esse esforço de afirmação aparece como resposta à morte de Ur-Namma, que, segundo a cosmologia mesopotâmica, foi entendida como uma manifestação do descontentamento dos deuses para com esse monarca. Como reação a essa situação, seu sucessor Shulgi continuou as tendências já iniciadas pelo seu antecessor, mas intensificou a reforma na imagem ideológica, de maneira que o rei passasse a ser entendido como o pilar que sustenta o reino. Evidentemente, essa nova visão possui implicações religiosas, aumentando a importância da figura do rei nesse domínio, o

que tem como consequência última a divinização de Shulgi.

Reestruturação da memória cultural acerca dos reis de Uruk como ferramenta ideológica

Um projeto político da envergadura de Ur III, que pretende construir um Estado centralizado sobre um território previamente organizado em torno de organizações locais, deve lidar com os problemas suscitados pela mentalidade resultante da condição anterior. Dessa forma, é necessário alterar as estruturas do pensamento político para que o mesmo suporte as mudanças na vida prática. Evidentemente, um dos problemas centrais é fazer com que os cidadãos dessas unidades políticas locais entendam-se não como cidadãos de uma cidade-estado específica, mas como parte de uma comunidade de dimensões nacionais.

A resposta desenvolvida pelos intelectuais terceiro-dinásticos a esse problema repousa na ideia de um passado comum mesopotâmico. Da mesma forma, um dos princípios da memória cultural defende que a identidade do grupo se constitui em torno de uma memória comum (ASSMANN, 2011, p. 12). Em confluência com esse conceito, a Terceira Dinastia de Ur inaugurou um projeto de evidenciação de um passado comum sumério. Por meio desse passado, procurou-se enfatizar uma identidade baseada em tradições acerca de heróis do passado sumério e na religião comum a essa sociedade. Além disso, os reis de Ur III procuraram também associar-se a esse passado, bem como construir uma imagem do monarca enquanto agente central nos ritos religiosos. Todavia, o conceito de memória distingue-se do conceito de ideologia, ainda que um projeto ideológico influencie a recuperação ou reestruturação da memória cultural. A distinção se dá, no entanto, na medida em que a memória não necessariamente comporta usos propagandísticos (NADALI, 2016, p. 8).

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

Portanto, com base em uma visão associada ao conceito de memória cultural defendido por Assmann (*ibid*, p. 450), analisamos composições literárias produzidas no período da Terceira Dinastia de Ur, o presente artigo considera a recriação memorial dos reis míticos de Uruk por parte da intelectualidade terceiro-dinástica como um processo mnemônico que busca legitimar um novo estado de coisas por meio da inscrição do mesmo na tradição especificamente suméria. Posto de outra maneira, argumentamos que a necessidade da formação de uma nova identidade comum foi respondida a partir de uma nova articulação da memória de líderes políticos do passado. Como argumenta Nadali (2016, p.12), a memória cultural funciona como um elemento ativo dentro da sociedade. Assim, o caso aqui analisado, ela permitiu a construção de uma ligação entre o passado heróico da Primeira Dinastia de Uruk e a formação de um novo conceito de realeza no período de Ur III.

Um segundo aspecto do esforço para a constituição de uma identidade submetida ao Estado de Ur III são as reformas religiosas inauguradas por Ur-Namma, mas levadas às últimas consequências por seu sucessor Shulgi, finalmente resultando na divinização desse segundo. Tais reformas estão intimamente ligadas à memória da Primeira Dinastia de Uruk, de maneira que elas decorrem da emulação dos ideais de rei e da relação entre rei e deuses presente nas narrativas sobre os personagens do ciclo de Uruk. Evidentemente essas reformas são também influenciadas pela situação específica do final do terceiro milênio, especialmente, no caso de Shulgi, pelas questões suscitadas pelo falecimento de Ur-Namma.³ Entretanto, a influência da

³ Cabe mencionar também que após o período de Ur III, a língua suméria cai em desuso para situações cotidianas e, a partir de então, é encontrada apenas em textos literários. Há inclusive apontamentos no sentido de que durante a vida de Shulgi, o sumério já estava em desuso (RUBIO, 2006, p. 178). Nesse

memória dos reis de Uruk deve ser levada em consideração como um fator importante na construção do ideal de rei-deus.

Nesse sentido, a tradição conhecida como casamento sagrado ocupa um papel central na divinização de Shulgi. Esse rito consiste no matrimônio entre o monarca e a deusa Inanna e já era praticado por dinastias anteriores. Todavia, é apenas no caso de Shulgi que ele tem como consequência a transformação do rei em um deus menor. Acredito que o fato de essa consequência ser notável apenas no caso do rei de Ur se deve a uma série de modificações na tradição de hierogamia promovidas pela Terceira Dinastia.

Essas mudanças estão ligadas às reformulações da imagem dos reis do Ciclo de Uruk que foram postas em prática nesse período. Nesse sentido, as composições acerca dos reis de Uruk datadas do período de Ur III descrevem algumas interações entre a deusa e esses monarcas. Tais interações funcionam como uma maneira de situar a figura do *lugal* no âmbito do sagrado, o que é evidentemente útil para criar as condições para a divinização de Shulgi. Mais especificamente, os textos que descrevem relações conjugais entre os reis da Primeira Dinastia de Uruk e a deusa Inanna estabelecem uma imagem a ser evocada por Shulgi (e Ur-Namma, em menor grau) como instrumento para fortalecer a importância do rei frente à religião, permitindo que ele adentre uma dimensão sagrada.

Entretanto, é necessário notar que a aproximação entre o monarca e Inanna já era parte fundamental da ideologia real construída durante a vida de Ur-Namma. Nesse sentido, mesmo antes da consolidação do status divino do soberano, uma relação especial entre o monarca e a deusa Inanna foi importante para a mobilização

contexto, a recuperação da memória suméria por parte dos primeiros monarcas de Ur III ganha ainda outras camadas.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

da religião em favor da nova dinastia. Num momento em que a imagem do rei se encontra fragilizada, um maior engajamento nas práticas religiosas funciona como um mecanismo de afirmação. Além disso, ao se colocar num lugar central ao culto da deusa, visto que o rei passa a ser entendido como seu marido, o monarca passa a ser uma figura essencial para a execução das atividades religiosas do culto de Inanna.

Tal resultado está de acordo com a tendência identificada por Vacin, que vê na construção de uma ideologia política própria de Shulgi uma reestruturação do entendimento da maneira de funcionamento do reino. A partir dessa reestruturação, o monarca é visto como o pilar central que une e coordena todas as atividades estatais. Entretanto, a divinização de Shulgi tem outros corolários no plano intelectual (VACIN, 2015, p. 186). Dessarte, pode-se dizer que, se a tradição mesopotâmica entende as inovações técnicas como uma sabedoria que é criada pelos deuses e posteriormente transmitida aos mortais, as reformas religiosas de Shulgi fazem com que ele deixe de ser apenas um intermediário entre essas duas partes, de maneira que, enquanto deus, ele pode acessar o âmbito divino.

No entanto, como lembra Michalowski, essa mudança acaba por acentuar o caráter mundano do rei, uma vez que, apesar de ser um deus, ele é mortal (MICHALOWSKI, 2008, p. 41). A inevitabilidade da morte do soberano gera uma das características específicas da realeza divina mesopotâmica: o caráter divino não se estende a toda realeza, mas diz respeito ao indivíduo que está no poder. Consequentemente, a narrativa construída acerca da divinização do soberano precisa lidar com a mortalidade do mesmo. Para a intelectualidade de Ur III, a recuperação memorial de um rei divinizado postumamente, isto é, Gilgamesh, foi a resposta

encontrada. Dessa forma, a divinização garantiria um *status* especial ao monarca após seu falecimento.

Finalmente, um último aspecto da divinização de Shulgi está relacionado a uma reorganização do “mundo dos mortos” sumério, que passa também pela reformulação da memória dos reis de Uruk. Assim, a nomeação de Ur-Namma para o cargo de juiz no pós-vida e sua divinização póstuma, que ocorre como consequência, teve importância central no processo que culmina com a divinização de Shulgi. Esse novo papel imposto ao fundador da dinastia não somente absolve sua memória de qualquer crítica possibilitada por sua morte em batalha como também faz com que seu sucessor seja entendido como alguém próximo às divindades, visto que é filho de um deus menor.

Em outras palavras, o trauma da morte de Ur-Namma teve como resposta uma reorganização do projeto memorial que já havia sido posto em prática durante o reinado desse monarca. No entanto, as condições impostas por sua morte criaram a necessidade de uma maior aproximação entre a figura do monarca e o âmbito religioso. Consequentemente, a recuperação memorial dos reis da Primeira Dinastia de Uruk foi reorientada a fim de suprir essa necessidade. Nesse sentido, a classe escribal suméria sob Shulgi passou a focar as características divinas desses heróis, inclusive por meio da recuperação de suas relações de parentesco com divindades. É visível, portanto, que o trauma associado ao falecimento do fundador de Ur III imprimiu novos rumos ao projeto ideológico da dinastia, que teve de se adaptar a novos horizontes de negociação.

Como supracitado, grande parte dessa negociação toma lugar no âmbito memorial. Dessa maneira, a memória dos reis de Uruk é remanejada para que se

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

afirme a importância religiosa dessas personagens com o objetivo de criar as condições necessárias para que Shulgi possa ocupar um lugar equânime na paisagem mnemônica da população, posto que permitirá sua divinização em confluência com a tradição mesopotâmica. Ao mesmo tempo, ocorrem também esforços no sentido de uma reforma da memória de Ur-Namma, que, por meio de uma reorganização na hierarquia do mundo dos mortos, passa a ser entendido como um herói julgado injustamente.

É importante notar que a narrativa acerca da morte de Ur-Namma construída pelo aparato literário de Shulgi está diretamente ligada à tradição sobre a morte de Gilgamesh, rei lendário do qual os líderes da Terceira Dinastia de Ur se proclamaram irmãos. Dessa maneira, os autores responsáveis pela composição textual que torna Ur-Namma um deus menor após sua chegada ao kur, que aparece no poema conhecido como “A morte de Ur-Namma”⁴ não criaram uma nova tradição para a reconstrução da imagem deste rei, mas apenas a reformularam a partir das bases de uma narrativa já aceita.

Nesse sentido, ao fazer de Ur-Namma um deus menor da mesma maneira que Gilgamesh, essa narrativa estabelece uma tradição segundo a qual um rei já desfruta de um cargo hierárquico maior no pós-vida. Em segundo lugar, ela também consolida a imagem de Shulgi como filho de um rei que se tornou um deus menor, estabelecendo assim um paralelo entre os dois primeiros soberanos da Terceira Dinastia de Ur e Lugabanda e Gilgamesh. Para além da introdução de mais uma

⁴ Para uma tradução do poema para o inglês, recomenda-se o trabalho de Flückiger-Hawker (FLÜCKINGER-HAWKER, 1998), que conta também com comentários.

similaridade entre os dois reis, tal narrativa garante a Shulgi um novo canal de comunicação com o âmbito divino. Se antes, Ninsun, Lugalbanda e Gilgamesh cumpriam o papel de uma família metafísica divina com a qual o rei poderia se aconselhar, agora seu pai de fato – um parentesco que não se pode pôr em dúvida – também lhe concede acesso ao mundo dos deuses.

Processos mnemônicos na divinização de Shulgi

Ao confrontar os hinos reais de Shulgi com os estudos historiográficos sobre o período, entendemos como a conjuntura política influenciou a formação de um pensamento político específico de Ur III. Dessarte, contextualizar as fontes primárias serviu como maneira de identificar as necessidades ideológicas do grupo suscitadas pela realidade política e material. Em consequência a isso, é possível perceber as respostas a essas demandas desenvolvidas pela intelectualidade da época, que se traduzem nas narrativas acerca do rei atual e dos reis do passado.

Para isso, empreguei o conceito de memória cultural criado por Assmann. Seguindo essa visão, entende-se que as concepções acerca do passado que surgiram organicamente do grupo devem ser traduzidas em portadores materiais, como textos e monumentos, para que não sejam esquecidas. No entanto, esse não é um processo que ocorre organicamente. Ao contrário, ele se dá por meio de políticas institucionais específicas de recordação e esquecimento (ASSMANN, 2018, p. 19). Dessarte, a morte de Ur-Namma, seguida pelas reformas religiosas que possibilitam a divinização de Shulgi geram a necessidade de uma negociação no campo simbólico. Nesse contexto, o estabelecimento de paralelos entre Shulgi e os reis míticos de Uruk foi fundamental para alcançar uma atmosfera intelectual que permitisse a transformação do soberano em rei sem que esse processo estivesse em desacordo com a cosmovisão suméria.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

Similarmente, é possível entender a morte inesperada de Ur-Namma como uma espécie de trauma, que é processada através da literatura. Assim, ao manejar a situação concreta do falecimento em batalha do fundador da Dinastia por meio de uma manipulação da narrativa, o grupo precisa lidar com a quebra de promessas dos deuses, que até então haviam decretado um destino favorável ao monarca. O fato de que os deuses, que deveriam ser confiáveis, terem mudado um destino já anunciado, que deveria ser irrevogável, coloca em cheque pilares da crença mesopotâmica. Logo, é necessário dar sentido a esse acontecimento dentro das normas dessa sociedade para evitar que sua visão de mundo não seja esvaziada. A intelectualidade de Ur III faz isso por meio do poema *A morte de Ur-Namma*, que afasta Inanna dessa decisão. O poema também admite a injustiça da decisão dos deuses, mas minimiza-a ao tornar Ur-Namma um deus menor. Uma segunda resposta a essa situação se materializa nas reformas religiosas de Shulgi, que podem ser entendidas como uma maneira de afirmar que, caso a pequena possibilidade de que Ur-Namma tenha negligenciado seus deveres religiosos seja verdadeira, seu filho não cometerá o mesmo erro.

Dessa forma, pode-se entender a narrativa construída sobre Ur-Namma após seu falecimento como uma negociação no campo intelectual, uma vez que ela representa uma negação de conceitos fundamentais para a forma que o grupo entende o mundo. Dessarte, ela precisa ser processada para se encaixar nessa visão de mundo. Como já mencionado, isso é feito por meio da divinização póstuma de Ur-Namma e, conseqüentemente, pelo estabelecimento de paralelos entre ele e Gilgamesh.

Outrossim, o conceito de memória cultural também é fundamental para a

investigação dos esforços de Ur III para a construção de uma identidade suméria. Isso porque “identity, including that of the ‘I’, is always a social construct, and as such, it is always cultural” (ASSMANN, 2011, p. 122). Em outras palavras, a cultura tem um papel fundamental na construção da identidade do grupo. Logo, a manipulação da memória acerca de personagens formativos para a identidade suméria está intrinsecamente ligada à reestruturação de uma identidade local que se transforma na identidade segundo a qual um governo imperial entende a si mesmo.

Estratégias memoriais na construção da imagem de Shulgi

Foster argumenta que os mesopotâmicos entendiam a transmissão do conhecimento como um processo que deveria ocorrer verticalmente. Desse modo, assim como a sabedoria foi transmitida pelos deuses para os mortais, um chefe deve sempre transmitir informações ao seu subordinado e não o contrário (FOSTER, 2020, p. 246). Um mecanismo bastante caro à cultura mesopotâmica de demonstrar a continuidade com o passado são as chamadas listas de reis⁵. Estas expõem a sucessão das dinastias mesopotâmicas desde um período mítico. As mais antigas seguem o mesmo princípio de transferência divina, que nesse caso se manifesta pela origem da realeza, que, segundo a lista, “desceu dos céus” (GLASSNER, *op. cit.*, p. 98) Isto significa que, assim como o conhecimento, a instituição real foi criada no âmbito celeste e posteriormente entregue à Humanidade. Outrossim, outra consequência da Lista Suméria de Reis é conectar diretamente os líderes mais recentes com os mais remotos, compondo assim um contínuo na progressão do tempo.

Nesse sentido, Liverani lembra que uma das especificidades da monarquia suméria é uma relação íntima entre o âmbito palaciano e o templário. Esse estado de

⁵ Sobre as listas de reis sumero-babilônicas, é imprescindível o trabalho de George (GEORGE, 2011)

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

coisas tem seu ápice no período de Uruk (circa 3.800 a. E.C. até 3.200 a. E. C), durante o qual o líder político das cidades-estados sulistas seria um en, que o autor descreve como “priestly-king”, ou ensi, significando administrador. Em ambos os casos, esse chefe político estaria submetido ao deus da cidade, de onde derivaria sua autoridade (LIVERANI, 2005, p. 8). Apesar do fortalecimento do Palácio frente ao Templo nos séculos seguintes, a proximidade entre o rei-lugal e as divindades possui um papel central bastante específico na ideologia real de Ur III.

É também necessário perceber que não há um rompimento consciente com o passado mais recente que seja comparável ao que ocorre no Renascimento europeu do período moderno. Claro que, politicamente, o cenário encontrado no período de Ur III é bastante diferente do século XXII a. E. C. Culturalmente, entretanto, continuidades são evidentes. É o que demonstra Ludovico. Com base em evidências arqueológicas, o historiador argumenta que a cultura material do início de Ur III é muito similar à do período acadiano tardio. Da mesma forma, a arquitetura e cerâmica não mostram mudanças significativas nem no período de descentralização política entre os dois impérios (LUDOVICO, 2008, p. 326). A mesma situação é visível nos selos cilíndricos, ainda que esses passem a enfatizar a centralidade da figura real no período de Ur, como era de se esperar.

Logo, é perceptível a Terceira Dinastia de Ur como uma nova organização política que buscou se legitimar por meio da inscrição em uma tradição já aceita sobre a monarquia. Essa inscrição se deu por meio de diferentes processos, sendo os mais facilmente identificáveis as reformas religiosas e a recuperação da memória de monarcas passados, especialmente os da Primeira Dinastia de Uruk. Por meio de um

estreitamento das relações com as instituições templárias (que abarca a construção de novos templos e restauração dos já existentes, além de dedicação de estátuas, etc) e da reorganização da cosmologia a fim de que ela compreendesse a figura do rei como membro do panteão, os monarcas de Ur III buscaram ocupar o mesmo espaço que os deuses na consciência do grupo.

O segundo processo, a recuperação da memória dos reis de Uruk, está conectado ao primeiro e pode mesmo ser entendido como um passo necessário para a conquista deste. Assim, a mobilização da memória cultural já consolidada sobre os personagens do chamado Ciclo de Uruk cria as condições para a aproximação entre o âmbito real e o âmbito divino. Isso porque essas figuras são entendidas pela tradição suméria como possuindo relações muito próximas com algumas divindades, especialmente dois deles, Lugalbanda e Gilgamesh, respectivamente, lembrados como esposo da deusa Ninsun e filho dela. Destarte, durante o período de Ur III foram compostos hinos e textos literários que descreviam Shulgi, e às vezes Ur-Namma, como filho de Lugalbanda e conseqüentemente irmão de Gilgamesh⁶.

Além de possibilitar a inserção dos líderes de Ur no âmbito divino, essa reformulação da memória dos reis míticos de Uruk também permitia que Ur-Namma e Shulgi fossem alçados ao mesmo patamar dos heróis. Ao descrevê-los como parentes próximos, a literatura de Ur III expandia aos reis de Ur as qualidades dos monarcas de Uruk. Daí que eles passassem a ser entendidos como igualmente sábios e habilidosos em batalha e etc. Como foram justamente essas características que justificaram a transformação póstuma de Gilgamesh em um deus, segundo o poema que narra a morte desse personagem, a equiparação de ambos cria as condições

⁶ Tal parentesco é citado em vários hinos, sendo o mais famoso aquele conhecido como Shulgi P. Para uma tradução comentada desse e de outros hinos, recomenda-se o trabalho de KLEIN (*op. cit.*)

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

necessárias para a divinização dos fundadores de Ur III.

Dessa forma, sustentamos que a divinização de Ur-Namma e Shulgi é baseada na recriação memorial dos personagens do ciclo de Uruk, haja vista que é a partir dela que os reis de Ur passam a ocupar na paisagem mnemônica do grupo o mesmo lugar que esses reis divinos já reconhecidos pela tradição suméria. Em adição a isso, o processo que possibilita esse novo entendimento dos monarcas ocorre a partir de dois eixos: a aproximação entre o rei e os deuses, que ocorre por intermédio da deusa Inanna⁷, e a recriação memorial da Primeira Dinastia de Uruk. Ambas estão interligadas, uma vez que todos os heróis de Uruk acerca dos quais conhecemos composições literárias são entendidos como parceiros sexuais e até maridos da deusa.

A divinização de Shulgi e Ur-Namma inclui, dessa maneira, uma negociação com o grupo. Para que ela fosse aceita, foi necessário negociar a posição da monarquia na paisagem mnemônica da comunidade. Para isso, a intelligentsia de Ur III fez uso de uma narrativa já consolidada sobre a monarquia divina, a saber: o ciclo de Uruk. Assim, por meio da manipulação da memória cultural acerca desses personagens, bem como uma nova tradição literária que os aproximava ao estado vigente, criaram-se as condições para que os primeiros líderes de Ur III ocupassem o mesmo espaço que os reis míticos de Uruk na consciência do grupo. Só então foi possível torná-los divinos.

⁷ Ainda que o parentesco com a deusa Ninsun também exerça influência nesse sentido, trata-se de uma deusa cujo culto é relativamente pequeno neste momento – não há conhecimento de um templo dedicado unicamente a ela. Inanna, por sua vez, é bastante popular, possuindo templos em vários centros urbanos.

Como mencionado anteriormente, a Terceira Dinastia de Ur não foi a primeira a unificar a Mesopotâmica sob um Estado central. Ela também não foi a primeira a introduzir o conceito de divinificação de um de seus reis. Ambas as coisas foram inauguradas pela dinastia de Akkad, que controlou a Mesopotâmia, entre 2350 a 2150, sendo um dos reis da da dinastia, Naram-Sîn, se divinizou. Por que, então, os reis de Ur preferiram um retorno à figura de líderes de cidades-estado quando podiam utilizar a memória de um império comparável ao seu?

A resposta reside na memória acerca de Naram-Sîn. Como explica Ben-Zvi, reis que veem o fim de uma dinastia são memoráveis porque têm papel central na mudança de uma narrativa mnemônica, uma vez que estão associados à mudanças que afetam a periodização, que é um dispositivo importante na estruturação de narrativas mnemônicas (BEN ZVI, p. 345). Isso significa que Naram-Sîn era um personagem muito referenciado na memória do grupo. Apesar disso, tanto Utu-hegal quanto Ur-Namma deram continuidade à tradição iniciada por Naram-Sîn de se proclamar “rei dos quatro cantos” como forma de ressaltar suas pretensões de domínio sobre toda a Mesopotâmia. É significativo que Shulgi tenha abandonado o termo, visto que era essencial diferenciar sua reforma religiosa da idealizada por Naram-Sîn. Isso porque é nesse âmbito que a trajetória do monarca acadiano foi apresentada de maneira negativa, sendo sua divinização entendida como uma afronta aos deuses, como a gota d’água que levou à queda do Império Acadiano. Consequentemente, era necessário distinguir a reforma religiosa de Shulgi e a blasfêmia de Naram-Sîn. A divinização de um mortal deveria ser ressignificada para não remeter mais à tentativa frustrada do rei sargônico, de maneira que foi preciso buscar outro referencial.

Outrossim, não se pode negligenciar as questões identitárias implicadas no

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

final do terceiro milênio. Ainda que a divinização fosse um empecilho para a recuperação da memória de Akkad, é preciso levar em consideração o fato de que Sargão, fundador da dinastia, era um nortista. De fato, a Suméria propriamente dita foi um foco de oposição ao império acadiano. O maior opositor de Sargão, Lugal-zage-si (c. 2358 a 2334 a. E. C.), controlava Uruk e Umma (MIEROOP, 2007 p. 65), sendo a primeira cidade um importante lugar de memória para os sumérios. Tendo em mente a centralidade de uma identidade suméria nos corpus literário de Ur III, compreende-se que a memória do Império de Akkad não era solo fértil para os objetivos de legitimação da Terceira Dinastia de Ur.

Todavia, essas mesmas questões identitárias oferecem pistas do motivo pelo qual os reis de Ur decidiram se voltar para a Primeira Dinastia de Uruk. Como mencionado anteriormente, há bases sólidas para que a historiografia atual aceite ligações de parentesco entre Ur-Namma e Utu-Hegal de Uruk (MIEROOP, *id.*, *ibid.*, p. 128). Assim, a intelectualidade de Ur III pode estabelecer ligações sólidas entre as duas cidades. Além disso, a definição de um espaço físico delimitado onde ocorreram eventos do passado é um importante mecanismo de suporte da memória cultural. Isso porque a rememoração é um processo associativo, que tende a construir lugares de memória, isto é, objetos ou personagens que se tornam foco de um determinado grupo de características. No caso sumério, a cidade de Uruk representa o palco de diversos acontecimentos formadores da identidade dessa sociedade.

Ademais, a Primeira Dinastia de Uruk desempenha um papel importante na tradição suméria como a responsável pela independência de Kish. Essa tradição tem como suporte a Lista Suméria de Reis, que é, como já discutido, um importante

suporte de memória, mas que também possui um papel central na formação da ideologia real suméria. Segundo essa lista, o poder era passado de dinastia a dinastia, de maneira tal que duas dinastias nunca reinavam simultaneamente. Por conseguinte, a Primeira Dinastia de Uruk, Gilgamesh especialmente, é responsável pela mudança da monarquia de Kish para Uruk. Isso a torna especialmente memorável pois, como vimos, figuras associadas a mudanças se tornam marcadoras da cronologia, que é por si mesma um mecanismo mnemônico.

Não obstante, a derrota de Kish tem uma importância específica que se deve ao fato do papel ocupado por Kish nas tradições anteriores. Nesse sentido, a importância de Kish na ideologia real mesopotâmica é atestada pelo fato de alguns reis terem se denominado “Rei de Kish” mesmo não tendo ligações diretas com essa cidade. Estabelecida a força atribuída a essa cidade, é necessário reconhecer que a libertação da cidade de Uruk do domínio de Kish tornou-se um acontecimento que influenciou profundamente a memória mesopotâmica acerca dos reis responsáveis por essa libertação.

Ademais, Jacobsen especula, com base numa comparação entre a Lista de Reis Suméria e certas inscrições sargônicas, que Lugal-zage-si tenha destruído a cidade de Kish (JACOBSEN, 1979, p. 179). Caso ele esteja correto, essa seria a segunda vez que um governante de Uruk derrota Kish. Essa derrota tem como consequência o declínio da Dinastia de Kish e fortalecimento da Primeira Dinastia de Uruk. Como tal, desempenha um papel na consolidação de uma dinastia recém-chegada ao poder. Essa interpretação indica um paralelo interessante com a recém-fundada Terceira Dinastia de Ur, que pode ter sido mobilizado pelos autores do Ciclo de Uruk.

Nesse sentido, em sua análise de vários manuscritos das Listas de Reis,

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

Glassner destaca um movimento de transferência do poder entre Kish e Uruk/Ur. Ele entende esse movimento como uma dicotomia implícita que cria antagonismos entre as dinastias (GLASSNER, *op. cit.*, p. 65). Ainda que seja difícil falar de antagonismos entre as cidades, a derrota de Kish é um fator importante na construção da memória da Primeira Dinastia de Uruk. Afinal, um dos textos sumérios de Gilgamesh (conhecido como Gilgamesh e Akka), tem como evento principal um cerco de Uruk por Akka, rei de Kish, que, ao fim da história, é derrotado por Gilgamesh (GEORGE, *op.cit.*, p. 146-148).

Outro fator importante que distingue os reis de Uruk como exemplo para Ur III é a centralidade que os esforços para a consolidação de uma identidade nacional suméria ocupam na literatura da época. Nesse sentido, a Primeira Dinastia de Uruk corresponde a um passado sumério, um terreno fértil em torno do qual pode se formar uma comunidade mnemônica, “a group shaped around a set of shared memories”, para usar as palavras de Ben Zvi (*op. cit.*, p. 07).

Tendo exposto a relação entre a Primeira Dinastia de Uruk e a construção da imagem dos reis de Ur III, cabe discorrer sobre os ritos de Casamento Sagrado e sua conexão com a presente pesquisa. Como mencionado, defendemos que existem dois eixos no processo de divinização de Shulgi: a recriação memorial dos personagens do ciclo de Uruk e a constituição de uma relação de parentesco com os deuses. Esse segundo passo ocorre tanto pela relação de filiação com Ninsun e Lugalbanda quanto pelo casamento com a deusa Inanna.

A tradição do rei enquanto esposo da deusa Inanna é atestada muito antes de

Ur III, podendo ser considerada um esforço de mediação entre o Templo e o Palácio. Esse rito tem sido objeto de uma ampla discussão na historiografia, mesmo que ainda não seja completamente entendido. É possível, entretanto, dizer que essa prática já estava estabelecida no momento da fundação da Terceira Dinastia de Ur. Todavia, é apenas no caso de Shulgi que ela resulta na divinização do monarca.

No modelo proposto por Vacin, o casamento com a deusa Inanna é a maneira pela qual Shulgi adentra o panteão divino, que é visto como uma árvore genealógica. Assim, o rei toma o lugar do deus Dummuzi, que é descrito na literatura como par romântico da deusa. Essa posição é fortalecida pela posição do rei como filho de Lugalbanda e Ninsun, que, por sua vez, só é atingida pelos hinos que comparam Shulgi a Gilgamesh (VACIN, 2011, p. 213-14).

Em adição a esse modelo, argumentamos que a recriação memorial dos reis de Uruk construída pela classe escribal ligada a Ur-Namma e Shulgi tem também um papel importante no estabelecimento da relação entre Shulgi e a deusa Inanna. Tal ideia se baseia nos textos do ciclo de Uruk, que descrevem uma relação bastante íntima entre Enmerkar e Inanna e Gilgamesh e Inanna⁸. Esses textos fornecem um modelo de comportamento para o monarca em relação a deusa, que abarca desde o cumprimento de obrigações cúlticas até maneiras de relacionar-se cotidianamente

⁸ A aproximação do monarca com Gilgamesh é fundamental para a transformação de Shulgi em um rei-deus. Assim, há textos em que o herói desempenha o papel de marido ideal da deusa, como no início da versão suméria de "Gilgamesh, Enkidu e o Mundo dos Mortos". Entretanto, trata-se de um relacionamento ambíguo. Famosamente, na versão standard da epopéia, é a negativa de Gilgamesh ao amor da deusa que leva à aparição terrena do Touro Celestial (BRANDÃO, 2017, p. 84-86). Numa versão datada de Ur III, todavia, o desentendimento se dá pelo fato de Gilgamesh tomar o assento da deusa em seu templo principal, o Eanna, e lá decretar julgamentos – *dire la justice* na tradução de Carvigneaux (1993, p. 122) e *dispense justice* na de George (1999, p. 171) –, o que seria papel da deusa (CARVIGNEAUX, *op. cit.*, p. 100). Baseado no teor cômico da narrativa, Carvigneaux sugere que ela foi composta para ser cantada em um banquete oferecido por um dois reis da dinastia. Dessarte, acredito que a problemática, na versão suméria da história, está mais relacionada às tensões entre poder templário e palaciano que a problemas conjugais.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

com a deusa. Tais exemplos seriam reproduzidos por Shulgi, vide os hinos em que ele interage com a deusa, resultando no relacionamento próximo entre ambos.

Finalmente, o último foco de análise diz respeito à reorganização do “Mundo dos Mortos” como uma maneira de possibilitar a divinização de Shulgi. Esse processo de reorganização também está diretamente ligado à memória dos reis de Uruk, de forma que um não pode ser entendido sem o outro.

Ainda que a ideologia real de Ur III tenha sido grandemente inspirada pelos reis sargônicos, o processo de divinização de Shulgi procurou se distinguir da divinização de Naram-Sîn, devido à conotação negativa que esse último monarca adquiriu na memória mesopotâmica. Logo, foi preciso buscar novas bases culturais que suportam a divinização de um mortal. A recuperação de Gilgamesh, herói divinizado postumamente, responde a essa necessidade. Não obstante, Gilgamesh já havia se tornado uma figura central para a ideologia real de Ur-Namma.

Entretanto, a morte desse rei suscita mais um problema que impulsiona reformas religiosas. Uma dessas reformas diz respeito ao lugar que é ocupado por esse rei no “Mundo dos Mortos”. Isso porque, como fundador da dinastia, é necessário que ele ocupe uma posição de honra na memória mesopotâmica. Todavia, na cosmologia suméria, a morte em batalha é um sinal claro de descontentamento dos deuses para com o monarca.

Essa situação é abordada por meio de uma negociação bastante visível na composição conhecida como *A Morte de Ur-Namma*. O texto em questão frisa a injustiça cometida pelos deuses, inocentando Inanna, que se revolta ao saber do

destino decidido por seus pares. A oposição da deusa faz parte dessa negociação, uma vez que fortalece a noção do matrimônio entre o monarca e Inanna como maneira de garantir o favor da deusa. Outrossim, o poema também estabelece um cargo de liderança para Ur-Namma nos pós-vida, que garante sua transformação em um deus menor. A narrativa faz lembrar um texto acerca de um dos reis de Uruk, *A morte de Gilgamesh*. Nele, a morte do herói é decidida pelos deuses, ainda que Enki se oponha. Como forma de amenizar a tragicidade dessa decisão, o herói também recebe um cargo no Mundo dos Mortos que resulta em sua deificação.

Logo, a tradição que entende Gilgamesh como um herói postumamente deificado permitiu que o mesmo processo ocorresse com Ur-Namma. Tal precedente foi decisivo para que o rei de Ur pudesse se tornar um "juiz" no âmbito infernal, mas essa posição garantiu também uma salvação da memória de Ur-Namma, que passa a ser visto não como um rei que morreu em desgraça, mas como um herói que faleceu injustamente e, por seus feitos, conquistou a divindade.

Outrossim, a consolidação da posição de Ur-Namma enquanto deus abre a possibilidade da deificação em vida de seu sucessor, Shulgi, que se torna com isso filho de um deus. Isso porque ela se baseia em noções já consolidadas na paisagem mnemônica do grupo, ao mesmo tempo em que, a partir dessas noções, inaugura uma possibilidade de negociação. Nesse sentido, a lógica da divinização de heróis apresentada em *A Morte de Ur-Namma* e *A Morte de Gilgamesh* indica que um mortal pode conquistar status divino por meio de a) seus feitos em vida e b) sua relação de proximidade, especialmente de parentesco, com os deuses. Por conseguinte, cria-se a possibilidade de que um mortal que corresponda a essas características seja divinizado, ainda que em vida.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

Isso significa dizer que as justificativas para a divinização de Shulgi são encontradas na tradição acerca dos reis míticos de Uruk, que, na lógica do pensamento mesopotâmico, ganha força justamente por sua antiguidade. Paralelamente, a conjuntura decorrente do falecimento de Ur-Namma engatilha mudanças religiosas que, em conjunção com uma renegociação da memória da Primeira Dinastia de Uruk, cria as condições necessárias para a transformação de Shulgi em deus.

Conclusões

A divinização de monarcas aparece, na História mesopotâmica, como uma experiência pontual. No Terceiro Milênio, os exemplos desse fenômeno limitam-se aos casos de Naram-Sîn e Shulgi. Assim, como o entendimento geral no século XXI a. C., apontava a transformação de Naram-Sîn em deus como causa da queda do império de Akkad, a intelectualidade de Ur III buscou dissimular a influência da experiência sargônica na nova reforma religiosa suméria.

Nesse sentido, a ligação entre os reis míticos da Primeira Dinastia e o panteão associado à cidade de Uruk, tal como aparece nos textos compostos durante o período de Ur III, reflete essa nova posição do monarca, ao mesmo tempo que procura caracterizar essa nova posição como respaldada pela tradição, dentro da lógica de resfriamento descrita por Assmann. Tal concepção se baseia na distinção que Lévi-Strauss faz entre sociedades “quentes”, ou seja, que possuem história, e “frias”, em que as coisas se mantêm as mesmas a despeito do tempo histórico. Apropriando-se desse conceito, Assmann argumenta que, em lugar dessa distinção,

em determinados momentos, certas sociedades organizam esforços para estabelecer uma continuidade com o passado e mascarar mudanças, “resfriando” essas sociedades. Aliás, o mecanismo usado para exemplificar esse processo, é precisamente a Lista de Reis suméria (ASSMANN, *op. cit.*, p. 19).

Tal processo já estava em curso durante o reinado de Ur-Namma. Todavia, sua morte desonrosa tem como resultado a radicalização do culto ao monarca, por meio do fortalecimento dos laços entre o rei governante e a deusa Inanna de Uruk. Outrossim, ocorre um esforço para que o falecimento de Ur-Namma seja entendido de maneira a garantir sua divinização, o que é feito a partir da reestruturação da imagem de Gilgamesh, por meio da construção de paralelos entre ambos. Essas suas experiências convergem para uma reorganização do culto que tem como consequência a transformação de Shulgi em um deus menor, a partir de sua posição como cônjuge de Inanna e filho de Lugalbanda.

Referências Bibliográficas

ALSTER, B. Lugalbanda and the early epic tradition in Mesopotamia. In: **Lingering Over Words: Studies in Ancient Near Eastern Literature in Honor of William L. Moran.** Leiden: Brill, 1990. p. 59-72.

ASHER-GREVE, J.; WESTENHOLZ, J. G. **Goddesses in context:** on divine powers, roles, relationships and gender in Mesopotamian textual and visual sources. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.

ASSMANN, A; SOETHE, P. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

ASSMANN, J. **Cultural memory and early civilization:** Writing, remembrance, and political imagination. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BARJAMOVIC, G. Mesopotamian empires. In: FIBIGER-BANG, P. SCHIEDEL, F. (ed) **The Oxford handbook of the state in the ancient Near East and Mediterranean.**

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

Oxford: The Oxford University Press, 2013, p. 120-160.

BRANDÃO, J.L. **Ele que o abismo viu: epopéia de Gilgamesh.** São Paulo: Autêntica, 2017.

CAVIGNEAUX, A. FAROUK, N. Gilgamesh et Taureau de Ciel. **Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale.** Paris, v. 87, n. 2, p. 97-129, 1993.

CRAWFORD, H (Ed.). **The Sumerian World.** Abingdon: Routledge, 2013.

FRAYNE, D. Sargonic and Gutian Periods (2334-2113 BC). (The Royal Inscriptions of Mesopotamia. Early Periods 2) Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 1993

FOSTER, B. Transmission of knowledge. SNELL, Daniel C. (Ed.). **A Companion to the Ancient Near East.** John Wiley & Sons, 2020, p. 245-252.

FLÜKIGER-HAWKER, E. **Urnamma of Ur in the Sumerian Literary Tradition.** Chicago: University of Chicago Press, 1999.

GADOTTI, A. **Gilgamesh, Enkidu, and the Netherworld and the Sumerian Gilgamesh Cycle.** Berlim: De Gruyter, 2014.

GEORGE, A. **The Babylonian Gilgamesh epic: introduction, critical edition and cuneiform texts.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

GLASSNER, J. **Mesopotamian Chronicles.** Leiden: Brill, 2004.

JACOBSEN, T. **The Harps that once--:** Sumerian poetry in translation. Yale: Yale University Press, 1987.

JACOBSEN, T. **The Sumerian King List.** Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

JONKER, G. **The topography of remembrance: the dead, tradition and collective memory in Mesopotamia.** Leiden: Brill, 1995.

KATZ, D. Appeals to Utu in Sumerian Narratives. In: MICHALOWSKI, P.; VELDHUIS, N. (ed.). **Approaches to Sumerian Literature.** Leiden: Brill, 2006. p. 105-122.

KATZ, D. **The image of the Netherworld in the Sumerian Sources**. Berkeley: CDL Press, 2003.

KATZ, D. Sumerian Funerary Rituals in Context, In: N. Laneri (ed.), **Performing Death: Social Analyses of Funerary Traditions in the Ancient Near East and Mediterranean**. Chicago: University of Chicago Press, 2007, pp. 167-88

KLEIN, J. Three Sulgi Hymns: Sumerian Royal Hymns Glorifying King Sulgi of Ur. **Journal of the American Oriental Society**, v. 106, n. 4, 1986, p. 40-56.

LIVERANI, M. Akkad: an introduction. In: LIVERANI, M. (ed.). **Akkad: the first world empire**. Padova: Sargon, 1993, p. 1-11.

LIVERANI, M. O Período Neossumério. In: Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia. São Paulo, EDUSP, 2016, P. 231-249.

LUDOVICO, A. The Reign of Šulgi: Investigation of a King Above Suspicion. In: NEUMANN, H. **Krieg und Frieden im Alten Vorderasien: 52e Rencontre Assyriologique Internationale, International Congress of Assyriology and Near Eastern Archaeology Münster, 17.-21. Juli 2006**. Münster: Ugarit-Verlag, 2014, p. 260-326.

LUDOVICO, A.. Between Akkad and Ur III: Observations on a "Short Century" From the Point of View of Glyptic. KÜHNE, Hartmut; CZICHON, Rainer Maria; KREPPNER, Florian Janoscha (Ed.). **Proceedings of the 4th International Congress of the Archaeology of the Ancient Near East, 29 March-3 April 2004, Freie Universität Berlin: The reconstruction of environment: natural resources and human interrelations through time; art history: visual communication**. Münster: Otto Harrassowitz Verlag, 2008, p. 326.

MICHALOWSKI, P. Maybe Epic: The Origins and Reception of Sumerian Heroic Poetry. In: KONSTAN, David; RAAFLAUB, Kurt A. (Ed.). **Epic and history**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 7-25.

MICHALOWSKI, P. Charisma and control: on continuity and change in early Mesopotamian bureaucratic systems. **The organization of power: aspects of bureaucracy in the ancient Near East**, v. 46, p. 55-68, 1987.

MICHALOWSKI, P. **The Royal Correspondence of Ur**. Yale: Yale University Press, 1976.

MICHALOWSKI, P. The Mortal Kings of Ur: A Short Century of Divine Rule in Ancient Mesopotamia. **Religion and Power: Divine Kingship in the Ancient World and Beyond**.

NITA KALA.GA LUGAL URI: A memória de Gilgamesh como mecanismo para a construção da ideia de rei-deus no período de Ur-III (c. 2112 BC – c. 2004 a. E. C)

Chicago: University of Chicago Press, 2012.

MIEROOP, M. **A history of the ancient Near East: Ca. 3000-323 BC.** Hoboken: Blackwell Publishing, 2007.

PONGRATZ-LEISTEN, B. Sacred Marriage and the Transfer of Divine Knowledge. In: NISSINEN, M; URO, R. (ed.) **Sacred Marriages: The Divine–Human Sexual Metaphor from Sumer to Early Christianity.** Winona Lake: Eisenbrauns, 2010, p. 43-74.

POSTGATE, J. N. 'Royal Ideology and State Administration in Sumer and Akkad'. In: Sasson, Jack M. (ed.). **Civilizations of the Ancient Near East**, volume 1. New York: Ch. Scribner's Sons, 1997, p 253.

RUBIO, Gonzalo. Šulgi and the Death of Sumerian. In: MICHALOWSKI, P.; VELDHUIS, N. (ed.). **Approaches to Sumerian Literature.** Leiden: Brill, 2006. p. 167-179.

STEINKELLER, P. An Ur III Manuscript of the Sumerian King List. In: SALLABERGER, W., VOLK, K. & ZGOLL A. (eds.) **Literatur, Politik und Recht in Mesopotamien. Festschrift für Claus Wilcke** (Orientalia Biblica et Christiana: 14). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2003, p. 267-292.

TINNEY, S Notes on Sumerian sexual lyric. **Journal of Near Eastern Studies**, v. 59, n. 1, p. 23-30, 2000, p. 23-30.

VACIN, L. **Šulgi of Ur: Life, Deeds, Ideology and Legacy of a Mesopotamian Ruler as Reflected Primarily in Literary Texts.** London: University of London Press, 2011, p. 213-14.

VACIN, L.. Tradition and Innovation in Šulgi's Concept of Divine Kingship. In: ARCHI, A. (ed.) **Tradition and Innovation in the Ancient Near East: Proceedings of the 57th Rencontre Assyriologique International at Rome, 4-8 July 2011**, p. 179-187, 2015.

VANSTIPHOUT, HL Herman LJ. **Epics of Sumerian kings: the matter of Aratta.** Leiden: Brill, 2004.

WOODS, C. Sons of the Sun: The mythological foundations of the First Dynasty of Uruk. **Journal of Ancient Near Eastern Religions**, Leiden, v. 12, n. 1, p. 78-96, janeiro, 2012.

YISTCHAK, S. **Love Songs in Sumerian Literature: Critical Edition of the Dumuzi-Inanna Songs**, Ramat Gan: Bar-Ilan University Press, 1998.

ZVI, E. B. **Social Memory among the Literati of Yehud**. Berlim: De Gruyter, 2019.